

Resenha

*Infância e Ilusão (Psico)
Pedagógica. Escritos de
Psicanálise e Educação*

Margareth Diniz

Faculdade de Educação
de Minas Gerais - UEMG

LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Infância e Ilusão
(Psico) Pedagógica. Escritos de
psicanálise e educação*. Rio de Janeiro:
Vozes, 1999

Diversos autores das chamadas ciências humanas e sociais, na busca de uma articulação com a Arte, a História, a Medicina, a religião, têm se debruçado sobre o campo teórico da Psicanálise. No entanto, como observa Lajonquière, o mesmo não ocorre na interlocução entre a Psicanálise e a Educação.

Na introdução do livro que vamos comentar, o autor traça um pequeno histórico dessa interlocução. Segundo ele, Freud acreditava que uma reforma da educação, influenciada pelo ensino

da psicanálise, seria o caminho mais curto para uma transformação da moral sexual e a conseqüente psico-profilaxia das neuroses. O debate entre psicanálise e pedagogia na perspectiva da aplicação permeou o trabalho de Anna Freud e, mais tarde, se estendeu também ao trabalho de não-analistas como Pfister, um pastor protestante que se dedicava à educação das almas mediante o método analítico. Esse movimento contribuiu para o desenvolvimento do espírito da

'pedagogia psicanalítica' tanto na França quanto no Brasil.

A aproximação psicanalítica do campo educativo consolidou-se de fato, a partir dos anos 70, numa perspectiva que Lajonquière qualifica de 'estudos de natureza exploratória'.

Numa outra perspectiva, segundo o autor, estão aqueles que questionam à luz da obra freudiana, a pertinência da simples 'aplicação' e da 'inspiração psicanalítica' das novas estratégias educacionais. Busca-se "acertar as contas" de Freud com a pedagogia: ora ele não é um pedagogo, ora padeceu de certa "queda pedagógica". O debate estabelecido entre Millot e Cifali se articula em torno da conexão Freud-pedagogia, segundo Lajonquière. Assim, tudo aquilo que é formulado ou deixa de ser formulado passa a adquirir algum sentido.

A experiência de Bonneuil, pelo contrário, possibilita afirmar que é possível "produzir" no interior da conexão, desde que toda referência à pedagogia seja posta de lado. O fato de a experiência de Bonneuil manter disjuntos educação e pedagogia ilustra que essa relação não equivale àquela pretendida entre psicanálise e pedagogia. De acordo com Mannoni

(1985), uma educação não-pedagógica seria "uma educação que reconhece o desejo". Essa perspectiva trabalhada por Mannoni marca também a perspectiva do livro de Leandro de Lajonquière.

Lajonquière mostra que, no 'discurso (psico) pedagógico hegemônico', "a condição psicológica é pensada como sendo a causa das causas no reino da (psico) pedagogia moderna", que está sempre centrada no aluno e em suas capacidades. A educação, ao localizar no aluno a origem dos problemas relativos ao "fracasso escolar" e dos problemas de aprendizagem, considera justificável o encaminhamento deste para as avaliações psicológicas. A impossibilidade de se descobrirem causas do fracasso deve-se "à natureza do pedido", isto é, à "pretensão de obter um saber sobre a singularidade de um episódio subjetivo". Enquanto a psicologia se funda no desconhecimento dessa impossibilidade estrutural, a psicanálise dedica-se a assinalá-la. Para a psicanálise, o sujeito está, por princípio, implicado em todo ato, reconstruindo ele próprio o processo de determinação singular dos acontecimentos "pessoais".

Dessa forma, para Lajonquière, a pretensão de vir a “saber”, sobre a singularidade subjetiva do agir de um aluno, a partir de um laudo psicológico, está fadada ao fracasso. Segundo o autor, apenas a criança poderia utilizar-se de “seu” saber para produzir. Por outro lado, a pretensão acaba contribuindo para a psicologização do cotidiano escolar, a qual visa à recusa do desejo. Tudo aquilo que foge ao “natural” é inevitavelmente tomado por um “incidente de indisciplina” ou um “distúrbio de aprendizagem”, no lugar de ser pensado como o retorno *sui generis* da diferença que habita o campo subjetivo.

O autor assinala então a diferença da natureza do saber psicanalítico, mostrando a lógica própria de sua produção. Enquanto o saber singular produzido pela psicanálise, e dentro dela, acontece sempre *a posteriori*, a pedagogia alicerça o cotidiano a partir da acumulação de conhecimentos universais *a priori*. A contribuição da psicanálise está em compreender que a educação se torna possível somente quando o adulto se interroga sobre o impossível em torno do qual se articula a sua relação com a criança. O fato de abrir mão da ilusão da natureza infantil deixará o adulto a sós com a criança, levando-o a se interrogar sobre o que

fazer com a criança. Ao mesmo tempo, ele ganha a possibilidade de calar a sua verdade recalçada, que retorna pela boca da criança. Renunciando às certezas derivadas da ilusão da natureza infantil, abre-se o acesso da criança a “seu” futuro, e não ao futuro imaginado pelo adulto, possibilitando à criança experimentar sua própria oportunidade ético-política perante a diferença.

Educar não seria, do ponto de vista da psicanálise, a tentativa de desenvolver ‘possibilidades de vir a ser’ alojadas na interioridade orgânica. Considerando que a educação escolar, hoje, está mais para o mundo da moral do que o da ética, trata-se de falar da possibilidade de virmos a situar no eixo da ética a intervenção adulta junto à criança, em particular, a educação escolar.

A Psicanálise, a Educação e a Escola de Bonneuil

Maud Mannoni dedicou sua vida a criticar reflexiva e explicitamente a psicologização generalizada da infância e de sua educação, seja na sua versão autoritária, seja na democrática. Mais ainda, foi capaz de congregiar ao redor dela um conjunto de pessoas dispostas a sustentar a invenção de um lugar

radicalmente outro - a École de Bonneuil-sur-Marne, um "lugar para viver", onde a "não segregação opera de forma terapêutica". A autora assinala a possibilidade de a educação, a despeito do ideário (psico) pedagógico hoje hegemônico, deixar um lugar aberto ao desejo, única aposta capaz de tornar a educação possível, apesar de a própria impossibilidade aninhar-se no interior da educação.

As crianças e jovens que freqüentam a École de Bonneuil podem ser diagnosticadas como psicóticas, autistas, débcis mentais, detentoras de distúrbios globais de desenvolvimento ou, apenas, neuróticas gravemente perturbadas. Essa "clientela" bem como as crianças cegas, surdas, com síndromes variadas, costuma ser objeto de uma educação que se pensa especial. Por que a "educação especial" pensa que deve ser especial? Considera que, em se tratando de seres tão especiais, uma empresa educativa "normal" acabaria se revelando ineficaz? Mas, em que consiste a simples visada educativa? Em fazer das crianças de hoje adultos como seus próprios pais e educadores. De fato, toda e qualquer educação implica a transformação das crianças em adultos, daí o impasse da educação "especial":

compreender aquilo que está em xeque no processo de nos tornarmos seres humanos adultos. O discurso (psico) pedagógico pensa a educação como o processo de estimulação do desenvolvimento do dito indivíduo psicológico, ou seja, da adaptação do organismo ao meio. Assim, vir a tornar-se um adulto não seria outra coisa que o resultado da sintonia entre um processo de estimulação socioambiental e a vontade psicológica de ser, advinda da interioridade orgânica. Nesse sentido, a "especialidade" das ditas crianças especiais residiria na falta parcial ou radical de uma ou de várias capacidades psicológicas maturacionais. Portanto, o atributo especial da educação dispensada se reduz a um cuidado especial no processo de estimulação.

As crianças e jovens, de fato um tanto especiais, da École Bonneuil não são clientes merecedores de nenhum tipo de cuidado pedagógico especial, mas sim uma aposta de que venham no futuro a usufruir, como um adulto, do 'desejo' que nos humaniza. Essas crianças estão em dificuldades para vir a se posicionar como um 'sujeito do desejo'. A educação "especial" deve, precisamente, zelar pela retomada do processo de injeção do desejo na

criança. Não há fórmulas para fazer germinar o desejo nas crianças. A psicanálise não informa como proceder em matéria educativa, mas esclarece sobre aquilo que não devemos fazer. A escola de Bonneuil está pensada a partir dessa sabedoria. Trata-se da sustentação de uma experiência educativa subjetivante, ou, lembrando Mannoni, da manutenção de um lugar para viver. O que caracteriza Bonneuil é a decisão de se manter, em quaisquer circunstâncias, a operatividade da lei do desejo - ou seja, da lei de proibição do incesto, da miragem perversa, da proibição de se fazer do outro um objeto de gozo. É uma instituição que se dispõe a oferecer educação apresentando-se em falta. As atividades do dia-a-dia de Bonneuil apontam para a sustentação da possibilidade de as crianças virem a fazer laços. O que enlaça é o desejo do adulto, em posição de educador, mas também o próprio fragmento interativo transmitido. O que se transmite? O desejo do adulto numa direção e o universalismo de toda a cultura numa outra, contrária. A permanência das crianças e jovens em locais diferentes estende as fronteiras institucionais a tal ponto que impede que a escola se apresente às crianças e jovens como um

lugar utópico. O cotidiano se articula a partir das referências às leis da cidade, e não às regras da (psico) pedagogia moderna, abrindo possibilidade de virem a sujeitar-se às leis da vida adulta.

O paradoxo de Bonneuil "é que lá não se faz psicanálise...porém tudo o que se faz está rigorosamente baseado nela, não a usando como técnica senão como subversão de um saber e de uma prática". Nessa escola experimental, a psicanálise se faz presente não-estando. A psicanálise em Bonneuil mantém disjuntos 'educação e (psico) pedagogia moderna'.

Cabe a uma "educação clareada pela psicanálise" possibilitar o surgimento imprevisto de efeitos educativos ou formativos no seio da "relação" adulto/criança para que algo da ordem do sujeito do desejo possa advir. Aquilo que toda educação tenta repor é experimentado como falta. Essa falta de ser para outro - ou falta em ser - é creditada como um fracasso educativo. Educar em nome da natureza é negar aos pequenos a possibilidade de usufruir do desejo que os humaniza. Em toda educação está em questão a transmissão de um conjunto parcial de conhecimentos, ou uma amostra daquilo que os outros souberam acumular com

antecedência. Sobre o desejo não há conhecimento algum, mas saber. O saber sobre o desejo não deixa de ser o saber não-sabido do desejo, ou seja, um saber recalçado.

O aprendiz, ao contrário do mestre que ensina por dever, é movido na sua tarefa por amor. Quando o mestre oferta seu ensino, instala no seu interlocutor o desejo de saber mais sobre aquilo que cai no ato da transmissão, bem como alimenta o amor do aprendiz por aquele que lhe parece como sabendo “d’isso” que faz falta nele. O ato de ensinar instaura, retrospectivamente, um tempo no qual o sujeito estava desprovido de qualquer saber e, portanto, de agora em diante, quer saber sobre aquilo que passou a fazer falta. Isso que se quer saber - o saber sobre o desejo - o aprendiz o supõe no mestre, a ponto de pretender usufruir um pouco dele, ofertando, em troca, seu amor, bem

como demandando àquele o restante para, assim, ambos fazerem UM, a quem nada falte. O que o aprendiz deseja, por um lado, é impossível, e, por outro, o mestre não pode, de fato, entregar aquilo que não possui no real. Sabedor do impasse que aprisiona ambos, doa simbolicamente aquilo que, embora não tenha, sabe onde tomar emprestado, abrindo para o aprendiz as possibilidades de uma existência educada. “Ensina-se por dever, aprende-se por amor”.

Referências bibliográficas

- LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica*. Escritos de psicanálise e educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- MANNONI, M. (1985) *Um saber que não se sabe: a experiência analítica*. Campinas: Papirus, 1989